

# AÇÃO DIRETA

SEMANARIO ANARQUISTA

PREÇO Cr\$ 0,50

Diretor: JOSÉ OITICICA

PROCURE SEMANALMENTE  
NAS BANCAS DE JORNAES

(Para a orelha)

Todo centralismo é um freio contra a  
expansão das idéias novas; longe de lhes  
tenter pôr traves, devemos trabalhar para  
que se difundam livremente.

Jean Grave

ANO I

Rio de Janeiro — Sábado, 14 de julho de 1946

N.º 13

## 14 DE JULHO

O Estado Novo acabou com todos os feriados comemorativos da liberdade e fraternidade: a confraternização dos povos, Tiradentes, 13 de maio e 14 de julho. Este, sobretudo era mal visto pelo fascismo e odiado pela Igreja. Porém, para os espíritos ansiosos de liberdade, igualdade e fraternidade, 14 de julho é a data mais simbólica

Quando ao povo, assim que na cidade correu a notícia da fuzilaria, procedeu sem ordem de ninguém, unicamente guiado pelo seu instinto revolucionário.

Levou aos Paços do Conselho os canhões de que se apoderara nos Inválidos e, pelas três horas, quando a deputação de Corny regressava a dar conta do seu revés, encontrou cerca de trezentos guardas franceses e uma quantidade de burgueses armados, comandados por um velho soldado, Hulin. Dirigiam-se à Bastilha com cinco peças de artilharia. Entretanto, o povo não se deixava desanimar pelo grande número de mortos e feridos e continuava o cerco, recorrendo a diversos expedientes: foram-se buscar duas carretas de palha e estercos para facilitar o assalto das duas portas de entrada (para a pequena e para a grande ponte levadiça). Os edifícios do pátio do Governador já tinham sido incendiados.

Os canhões chegavam em ótima ocasião. Arrastaram-nos para o pátio do Governador, onde os colocaram defronte das pontes levadiças e das portas, apenas a 30 metros de distância.

Facilmente se imagina o efeito que aqueles canhões, nas mãos do povo, deviam produzir nos sitiados! Era claro que, daí a pouco, cairiam as pontes levadiças e as portas seriam forçadas. Cada vez mais ameaçadora, a multidão afluía em número sempre crescente.

Chegou, então, o momento dos defensores compreenderem que resistir mais tempo seria votarem-se a uma carnificina certa. De Launay decidiu-se a capitular. Os Inválidos, ao verem que nunca lograriam triunfar de Paris inteira, que os cercava, já havia algum tempo aconselhavam a capitulação e, pelas quatro horas ou das quatro para as cinco, o comandante mandou arvorar a bandeira branca e tocar a reunir, isto é, ordem de

### TOMADA DA BASTILHA

*Nesta época de esquecimento calculado dos grandes episódios de rebelião popular, contra a Secular Injustiça que é a propriedade particular, madre nefanda de todos os açambarcadores, é-nos grato relembrar o episódio culminante dessa estupenda jornada. Eis como no-la descreve um dos grandes mestres do anarquismo, Pedro Kropótkin, em sua monumental obra A Grande Revolução.*

cessar fogo e de descer das torres. A guarnição capitulava e queria o direito de sair conservando as armas.

Pode ser que Hulin e Elie, postados em frente à grande ponte levadiça aceitassem tal cousa em seu nome, mas, o povo nem queria ouvir falar nisso.

O grito *Abaixo as portas!* troava furiosamente. Então, às cinco horas, o comandante fez passar, através de uma seteira junto da pequena ponte levadiça, um bilhete concebido nos seguintes termos:

«Temos vinte milheiros de pólvora; se não aceitam a capitulação, faremos ir pelos ares o bairro e a guarnição».

Ainda que ele pensasse em realizar a ameaça, a guarnição jamais lho consentiria, e o fato é que De Launay foi o próprio a dar a chave para abrir a porta da pequena ponte levadiça... Imediatamente, o povo invadiu a fortaleza, desarmou os suíços e os Inválidos e se apoderaram de De Launay que foi levado aos Paços do Conselho. Durante o trajeto, a turba, furiosa com sua traição, insultava-o de toda forma, mais de vinte vezes esteve para ser morto, apesar dos heroicos es-

forços de Cholat e outro que o protegiam com os corpos,

A alguns metros dos Paços do Conselho, arrancaram-lhe das mãos e decapitaram-no. De Hue, comandante dos Suíços, salvou a vida declarando entregar-se à cidade e à nação à sua propriedade; mas três oficiais do estado maior da Bastilha foram mortos. Quanto a Flesselles, preboste dos mercadores, que estava em relações com Rosenvel e a Polignac e que tinha, segundo se infere de uma carta sua, outros segredos que ocultar muito comprometedores para a rainha, ia ser executado pelo povo quando um desconhecido o varou com um tiro de pistola. Pensaria o desconhecido que os mortos não falam?

Descidas as pontes da Bastilhas, a multidão, precipitando-se nos pátios, pôs-se a rebuscar a fortaleza afim de soltar os prisioneiros encerrados nas masmorras. Enternecia-se e derramava lágrimas à vista desses fantasmas saídos dos cárceres, espavoridos pela claridade do dia e pelo som de tantas vozes a aclamá-los, passeava pelas ruas de Paris, triunfalmente, esses mártires do despotismo real.

Dentro em pouco toda a cidade delirava, sabendo que a Bastilha estava nas mãos do povo e rebobrou de entusiasmo para conservar a sua conquista.

Falhou o golpe de Estado e da Córte.

Assim principiou a Revolução. O povo alcançava a sua primeira vitória. Precisava de uma vitória material assim. Era necessário que a Revolução travasse uma luta e dela saísse triunfante. Era necessário que o povo demonstrasse a sua força, afim de se impor aos seus inimigos, de despertar os ânimos em França e inspirar, por toda a parte, a revolta, a conquista da liberdade.

## Viva a democracia...

### O Ministério da Justiça ordena o fechamento do Centro Republicano Espanhol de São Paulo

Desde 1938, funcionava, em São Paulo, o Centro Republicano Espanhol, que agrupava todos os antifascistas, espanhóis, que não aceitavam a funesta ditadura Franco-falangista.

Jamais tiveram os republicanos espanhóis a menor intervenção na vida política do Brasil sendo de assinalar sua generosa conduta durante a guerra, quando ofereceram seu concurso ao povo brasileiro em favor das vítimas dos covardes torpedeamentos levados a efeito pelos submarinos do Eixo.

Nos festivais organizados em São Paulo pela Legião Brasileira de Assistência, foram eles os que maior esforço realizaram com uma grandiosa contribuição moral e econômica.

Agora, esses espanhóis, num belo rasgo de solidariedade com as vítimas do terror franquista, realizavam generosa campanha para reunir roupas e víveres destinados aos refugiados na França.

O Governo Brasileiro que impedira o desembarque do fatídico Aunós, pois estava provado que ele e seu pa-

trão Franco organizaram intensa rede de espionagem no Brasil e que também reconheceu no Sub-comitê da O. N. U. que o regime de Franco é um perigo para a paz e liberdade do Mundo, longe de romper com o tirano espanhol, persegue os espanhóis dignos fechando-lhes o centro fundado de acordo com todos os requisitos das leis do país.

Na Argentina, Uruguai, México, Chile, Colômbia, Bolívia, Guatemala, Equador, Cuba e demais repúblicas do hemisfério, existem Centros Republicanos Espanhóis sendo publicados jornais de propaganda antifascista.

Que dirão os povos irmãos do espírito democrático do Governo Brasileiro?...

*Ação Direta* e os libertários do Brasil que, por cima das divergências ideológicas, colocam seu amor à liberdade e prestam sua solidariedade a todas as vítimas da propotência autoritária, elevam sua voz de protesto contra esse atentado a nossa dignidade de povo livre e hospitaleiro.

*Abaixo o franquismo...*

## UM PADRE ANARQUISTA!

*Data venia*, transcrevemos do *Correio da Manhã* de 9 do corrente a seguinte notícia:

Uma revista norteamericana comenta um fato acontecido agora na França como sintoma da "neurose" francesa. O fato é o seguinte: foi concedido um prêmio literário ao padre católico Jean Natal Grosjean, pelo seu poema metafísico *Terre du Temps*, onde o poeta diz as coisas assim: "A anarquia é a verdadeira ordem entre os homens. O resto é mero comércio". Esta filosofia antiescolástica foi confirmada por declarações do padre Grosjean, que se afirmou anarquista, desde

### Faleceu Elena Melli

— Só agora nos chega a notícia do falecimento de Elena Melli, a heróica e abnegada companheira de um dos mais puros anarquistas, Errico Malatesta. Durante o regime fascista, foi Malatesta condenado ao *confino* em sua própria rua e, por isso, não tinha meios de trabalhar. Era Elena a que provia o sustento da casa, do companheiro e da filha. Foi, por isso, sujeita aos mais duros vexames, até meteram-na num manicômio, afastando-a assim da filha.

Faleceu em Carrara, aos 26 de janeiro. Foi anarquista exemplar.

que do prática da doutrina resustasse a mesma pureza da teoria. "Algum dia — afirmou o poeta — mudarme-ei para a Nova Zelândia onde será mais fácil pôr estas idéias em prática".

A revista americana chama a isso *neurose* e o comentarista acha isso resultado de uma *necessidade de fuga ao real!*

Ora, o padre disse duas verdades da mais alta *realidade*; primeira: *a anarquia é a verdadeira ordem*; segunda: *o resto é mero comércio*.

Quem sabe o que é *comércio* e olha para a civilização atual compreende que o sacerdote católico anda muitíssimo no *real*. Tudo o mais no mundo, isto é na *arquia*, é luta pelo *vil metal*, é o domínio do ouro, da compra e venda, das ambições mais réles, onde outro padre, Antonio Vieira viu conjugar-se o verbo *rapio*, onde Antonio Souza de Macedo

Desenvolve to las as tuas forças!!! mas isso significa: desenvolve a anarquia!

Nietzsche (*Obras póstumas* II, 425)

aprendeu a *Arte de furtar* e onde o sapientíssimo Camões, apesar de caolho, viu as nefastas influências do dinheiro até naqueles que deveriam respeitar a religião.

### Giuseppe Mariani livre!

É esse o grito que ressoa atualmente em toda a Itália! O ministro comunista Togliatti prometeu essa liberdade sem demora, mas... era liberdade a um anarquista! Mariani, preso há 25 anos por um *atentado* antifascista, a bomba no teatro Diana, deveria ser libertado imediatamente, ao cair o regime odioso, e ser até carregado em triunfo pelos que se dizem inimigos da horda maléfica. Porém ao passo que os mandões de Itália, entre eles os comunistas, deixam nas posições fascistas confessos e carcomidos e os protegem com as melhores garantias policiais, os heróis verdadeiros como Mariani, adversários da primeira hora, continuam encarcerados!

Mas é anarquista! E os anarquistas, embora minoria, fazem medo aos políticos velhacos, precisamente porque não são velhacos, são homens íntegros e sinceros.

### Propaguem

*Ação Direta*

# DOCTRINA

## Atuação dos anarquistas nos sindicatos

(Especial para AÇÃO DIRETA)

Nossa experiência no movimento obreiro nos fez incorrer no mesmo erro cometido pela imensa maioria dos companheiros e organizações que se dizem afins e indentificadas com nossos postulados de libertação integral. Os anarquistas que quebramos a cabeça em atuação atívia dentro dos organismos sindicais, salvo exceções, na maioria das vezes fomos absorvidos pela luta classista, que encarna os interesses de uma classe, lesados por outras classes, cuidando, sem disso nos advertirmos, de que a finalidade fundamental do organismo não é o direito do proletariado em prol do qual lutamos, senão a derrubada definitiva do sistema de convivência em que vivemos e a instauração de outro em que não exista mais que o indivíduo, soberano de si mesmo.

E' que convertemos os meios em fins.

Nós, anarquistas, quando vamos ao sindicato, fazemo-lo com o decidido propósito de ter na organização operária apenas o meio mais adequado de irmos à realização de nossos postulados de Justiça Social. Sucede, porém, que a intenção e propósito que nos induziu à atuação sindical fraqueia, causando enorme prejuízo à marcha ascendente do nosso ideal.

Devemos, pois, reconhecer que, perdendo nós nossa personalidade anarquista, fazendo concessões à mentalidade sindicalista, suscita

mos entre nós mais rebeldes que autênticos idealistas.

Não pretendemos minimizar, ao expor e ressaltar os erros cometidos, a importância de nossa intervenção dentro do movimento sindical. Ao contrário, hoje mais que nunca, temos a firme crença de que é dever nosso continuar influenciando e determinando as decisões dos trabalhadores organizados nos sindicatos. Porém, importa que nós mesmos continuemos sem esquecer, por um momento, que a missão dos anarquistas consiste, primordialmente, em forjar consciência entre os homens, desde que, somente com vontade e consciência anarquista, é possível ir à transformação total das instituições político-econômico-sociais que nos impedem de ser livres. Ainda mais: não podemos desconvir, em nenhum momento, por mais que isto escandalize a quem tiver mentalidade sindicalista, que o anarquismo, em sua verdadeira acepção, se resume na valorização absoluta da liberdade do homem.

Isso não postula que sejamos contrários e, ainda menos, inimigos de todo melhoramento das condições atuais de vida. Desde a primeira Internacional, até nossos dias, se têm acumulado fatores que nos obrigam a considerar que a transformação do regime capitalista em sociedade do porvir, obriga a aceitar soluções econômicas que, sem ser menos anarquistas, respondem às necessidades de

Nesta página doutrinária inseriremos, traduzdos, artigos de militantes estrangeiros numa seleção cuidadosa. Pretendemos que os anarquistas brasileiros para os quais, na maioria, é inacessível a imprensa anarquista mundial, tenham conhecimento dos escritores anarquistas mais representativos do passado e do presente.

## ESPELHO DO ESTADO

O *Correio da Manhã* é jornal burguês, conservador, católico e patriota. Por isso mesmo, diverte-nos e consola-nos vê-lo falar quase como os anarquistas, revelando, num espelho fiel, o Estado monopolizador, irresponsável e sempre imoral.

organização eficiente que possibilite, no futuro, nossas concepções humanas.

Assim, sem desconhecer que nós, anarquistas, demos corpo ao Sindicato para que assuma, com o Município e as comunas, responsabilidade de organizar a produção e consumo, temos, por missão primordial, defender, em toda sua intensidade, o valor ético do homem. Em definitiva, vamos ao Sindicato, sem desmerecer um momento nossa personalidade e nossa consistência anarquista.

Marcos Alcón

Nota — O companheiro Marcos Alcón é o primeiro que de fora nos manda colaboração prometendo, para breve, a de outros.

Pertence atualmente ao grupo *Tierra y Libertad*. Antigo militante da C. N. T. e da F. A. I. Ocupou, entre outros cargos, o de Secretário do Sindicato de Espectáculos Públicos em Barcelona. Foi membro do Comitê Nacional da C. N. T. Durante a guerra contra Franco, teve saliente atuação em Barcelona onde lutou firmemente contra as hordas fascistas. Terminada a guerra, exilou-se no México onde continua a lutar pela Anarquia.

Do seu editorial de 7 de julho, copiamos isto, trecho de uma análise das desgraças infligidas ao Brasil pelos órgãos estatais chamados Institutos:

Quem manda no açúcar do sul, ou seja, na volumosa produção de Campos é a Comissão Distribuidora que a interventoria do sr. Amaral Peixoto inventou. Quem dispõe da produção e do comércio do açúcar do norte é o Instituto do Açúcar e do Alcool que o sr. Getúlio Vargas criou um pouco a medo, ensaiando os ônus com a sofrível taxa de três mil réis por saca. Esses três mil réis da época, através da hecatombe de emissões pulverizadoras do sr. Sousa Costa, equivalem hoje a dez, quinze cruzeiros ou mais. Os outros ônus ou encargos, arrancados ao bolso do povo, vieram depois. E, quando se fartou de arrecadar taxas, o Instituto do Açúcar e do Alcool comprou, com o dinheiro sugado ao povo, a Companhia de Usinas Nacionais. Disto há confissão plena da própria gente que dirigia a autarquia.

Que é e onde está o germe procriador da crise da carne, que ainda não foi debelada, senão no monopólio dos Frigoríficos? Onde rastrear as alternativas da crise do pão, a não ser no monopólio dos Moínhos? Quem instituiu os frequentes colapsos do fornecimento de leite à população? Pergunte-se ao homem da rua e ele responderá, sem pestanejar,

que foi a Comissão Executiva do Leite, monopolizando o fornecimento e a venda da mercadoria a pretexto de normalizar o suprimento. Desde quando deixou de haver peixe no mercado, ao alcance do povo a qualquer preço? Data essa outra crise do tempo em que começou a agir a Comissão da Pesca, fazendo-se senhora do mercado e impedindo que os pescadores batessem, sem constrangimento ou coação, à porta dos fregueses. E qual foi o maior e mais escandaloso de todos os monopólios oficiais? A fundação do Departamento Nacional do Café com atribuições discretionárias sobre o produtor, o distribuidor e o consumidor do produto. E o que estamos vendo agora, de modo claro e preciso, com relação à crise do café torrado, será alguma consequência alheia ao monopólio da mercadoria, monstro que se alimentou da queima de milhões de sacas e do policiamento severo do produto, quer o que se exporta, quer o que se consome no mercado interno? Qual o motivo de faltar sal ao povo e aos pecuaristas das invernadas, os quais só conseguem o produto no mercado negro, ao passo que as salinas são abundantes e estão sempre aptas a fornecer o que lhes for reclamado? E' existir um Instituto do Sal, monopolizador oficial do produto e que tem liberdade para levantar empréstimos vultosos no Banco do Brasil.

(Continua na 3.ª pag.)

## A DOCTRINA ANARQUISTA AO ALCANCE DE TODOS

JOSÉ OITICA

(Continuação do número 12)

53 — *Inatividade e paradas* — A inatividade refere-se às máquinas e as paradas a máquinas e braços. Os proprietários agrícolas montam suas fazendas e engenhos com maquinismos numerosos e possantes: arados, destocadores, destorroadores, semeadoras, ceifeiras, automóveis, caminhões, separadores, moinhos, descascadores, etc., etc. Esses maquinismos poupam braços, intensificam a produção, aprimoram as plantações transformando os agrestes em jardins e pomares. Em torno, há terras de pequenos lavradores tratadas a enxada, picareta, carro de bois, destocadas a alavanca, mal amanhadas, desadubadas, ceifadas a foice. Produzem, naturalmente, pouco; vários trechos, encharcados uns, saibrosos outros, não se aproveitam.

Entretanto, feito o seu serviço especial, o grande proprietário recolhe ao almoxarifado suas preciosas máquinas, ceria as portas de uzinas e moinhos, poupando cuidadosamente os seus instrumentos de trabalho.

Bastaria que essas máquinas, transferidas às terras vizinhas, operassem nelas outros milagres agrícolas para que nelas houvesse também fartura, labor fácil, mais rendimento, mais conforto.

Em regime de propriedade particular, considera-se naturalíssima essa inatividade. Em regime anárquico, essas máquinas não pertencentes a Sancho ou a Martinho, mas à comuna, ou a um grupo de comunas, ou a um grupo de municípios, seriam transferidas para onde fossem

necessárias, dirigidas por técnicos e especialistas.

Acontece, muitas vezes, que lavradores ou industriais concorrentes, na ânsia de *aumentarem seus negócios*, produzem muito mais do que deles exigem os mercados. Há *superprodução*; os produtos acumulam-se nos trapiches, paióis ou depósitos; os lavradores e industriais, apavorados, refreiam ou suspendem os trabalhos de produção e despedem os trabalhadores e operários. Passam-se semanas; meses, talvez anos de parada, agricultores e fabricantes podem falir, e centenas ou milhares de braços ficam ociosos, com grave prejuízo da humanidade.

Outras vezes, a ganância do proprietário, ou suas dificuldades financeiras, por inépcia, prodigalidade, ou pela concorrência, sempre desleal, sustentam lutas aceras entre ele e seus salarizados. Rompe uma greve ou parede parcial ou geral, e centenas, milhares e até milhões de operários cruzam os braços durante semanas e meses.

Todas essas paradas, compreende-se são prejudiciais à coletividade, pois redundam em perdas de energias.

56 — *Crises* — A concorrência não produz somente as paradas, gera também as conhecidas e estudadas crises internacionais ou nacionais, extremamente perturbadoras dos mercados e causa de avultadas perdas.

Essas crises podem ser exclusivamente comerciais, podem ser reflexo de crises políticas, chegando, por vezes, às revelações e guerras civis; podem ser ainda

lances de agiotagem, um desses sinistros episódios das lutas entre banqueiros, ou uma *tarriada* de banqueiros nos pequenos possuidores.

As crises puramente comerciais são consequentes aos males mesmos da concorrência, ao, por assim dizer, *jogo de empurra*, das indústrias e comércios, dos diversos países.

A luta entre banqueiros e as revoluções populares resultantes dela, pois tal luta empobrece o povo, está maravilhosamente estudada nas obras de Auguste Chirac. Mostra esse autor que uma das funções constantes dos grandes bancos internacionais, por trás de cujos tabiques há sempre um agiota internacional, é preparar, durante anos, um *arrastão* aos pequenos possuidores, que, a custo de labor imenso, conseguem, durante quinze, vinte, trinta anos, economizar um pecúlio. Para ir aumentando a sua renda mensal, esses poupantes, fascinados com os dividendos fantásticos das companhias lançadas por esses bancos e suas numerosas sucursais, depositam neles seus haveres e vão recebendo semestralmente magros juros.

Mas, um belo dia, por inexplicável química, fale o banco ou um dos muitas bancos do *consortium* — agrupamento de bancos — e o depósito enorme dos pequenos possuidores é devorado.

Depois da guerra quebraram fraudulentamente, no Brasil, com sérios prejuízos para os brasileiros, o *Banca di Sconto Italiana* e o *Banque Française pour le Brésil*, cujas ladroices ficaram patentes.

O citado autor Chirac, estudando as revoluções de França, prova que todas elas foram motivadas por exasperação do povo, consequente à miséria social após um desses arrastões operados por banqueiros ladravazes.

Redunda tudo isso em desmesurada perda de energias humanas.

57 — *A família* — Os antropólogos repetem constantemente que a família é a célula da sociedade. Concluem eles que, segundo for constituída a família, assim se desenha a sociedade. A perfeição social, glosam eles, é corolário da perfeição da família.

Essas afirmações são errôneas. A sociedade não é o que é a família; mas, ao contrário, a família é o que é a sociedade ou a organização social. Sendo a organização social vigente resultado de uma *injustiça fundamental*, conforme vimos, ressentindo-se portanto de um vício básico, a propriedade particular, por força se ressentirá também a organização da família dessa *injustiça*.

Vamos ver, com efeito, os tremendos males corruptores da família e mostrar que são todos consequências do capitalismo.

58 — *O filho imposto* — A primeira lamentável consequência da propriedade particular, já vimos, é o *salariato*, quer dizer, a distribuição dos produtos por avaliação do trabalho produzido. Essa avaliação se faz por *quantidade e qualidade*. A *quantificação* se faz por horas. Tantas horas valem tanto dinheiro. A *qualificação* se faz por profissão.

Tal profissão ganha mais, pelo mesmo número de horas, que outra. Assim, o tabelião pode ganhar, numa hora, cem vezes mais que um servente de pedreiro. Dentro da mesma profissão, a qualificação se faz por *graus*; nas milícias, por *postos*.

Portanto, cada trabalhador ganha uma quantidade maior ou menor de dinheiro, quantidade muito pouco variável no tempo, para a mesma classe. Um pedreiro que vence 12\$000 por dia, trabalhará provavelmente toda a vida pelos mesmos 12\$00. Certas variações, como no Brasil, são mais de *câmbio* que do preço dos salários. Em 1890, com o câmbio ao par, 2\$00 equivaliam exatamente a 10\$000 hoje, com o câmbio a cinco. De modo que um pedreiro a 2\$000, em 1890, recebia o mesmo que um a 10\$000 em 1925. Não são os salários que têm subido, mas o dinheiro papel que tem descido.

O salário dos trabalhadores é sempre, em toda a parte, em virtude da ganância dos patrões, o mínimo possível, apenas o necessário à sua subsistência.

Ora, casando-se ele, cada filho que vem ao casal, longe de ser uma recompensa, é um *imposto*. A sociedade sobrecarrega o salário do trabalhador com onerosos impostos sob a forma de filhos, pois os pais têm de privar-se do necessário para as despesas supervenientes de alimento, vestuário, médico, farmácia, educação, etc.

(Continua)

# AÇÃO ANÁRQUICA

## "Ação Direta" recebe uma carta da Federación Obrera Regional Argentina

Recebemos a seguinte carta, escrita em nome do Conselho Federal dessa famosa organização operária, pelo seu secretário:

Companheiros da Redação de Ação Direta.

Saúde e Anarquia!

Chegou às nossas mãos vosso periódico de idéias intitulado *Ação Direta*, n. 4.

Lemos com suma atenção o conteúdo dessa publicação e apaz-nos verificar a firmeza da posição anarquista que da mesma reguma. Foi para nós grata surpresa a vinda desse número, dado o longo silêncio imposto, pelas circunstâncias internacionais, às relações que outrora manteve nosso movimento com os companheiros desse país.

Como em tantos outros lugares, ressurgem as forças anarquistas para orientar esse povo escravizado pela brutal ditadura do Estado Novo de Vargas.

Com sumo interesse, lemos os trabalhos sobre o movimento obreiro. Nesses trabalhos sobre o movimento obreiro encontramos interessante coincidência de apreciação com as que orientam e determinam a finalidade de no-so movimento: a F. O. R. A.

Nosso interesse especial é iniciar uma correspondência, um intercâmbio de opiniões, regular, convosco.

Anima-nos a intenção de que os nossos esforços, os vossos e os de todos os companheiros que o desejem, converjam para a magnífica finalidade de fazer surgir da história e da lembrança a outrora Associação Continental Americana dos Trabalhadores, que assinala os rumos emancipadores a esses povos da América, submetidos, em sua maioria, à ditadura militar.

Cremos que é dever iniludível dos companheiros golpear suas inquietudes e sua franca personalidade anarquista no movimento obreiro com a finalidade de imprimir-lhe clara e definida posição estatuida sobre a base de nossos princípios sociais e emancipadoras. Nosso movimento assim se ergueu, e assentou definitivamente esta finalidade: recomendar, em sua propaganda e princípios, a mais ampla difusão do *Comunismo Anárquico*.

Interessa-nos pois conhecer vosso pensamento acerca do que propomos.

Aqui, o movimento da FORA (Federación Obrera Regional Argentina) conseguiu, nos últimos

três anos, apesar da ditadura demagógica do peronismo, acrescentar suas forças associativas e editar periodicamente seu vozeiro *Organización Obrera*.

Associações de obreiros portuários e operários padeiros e de algumas outras atividades, na Capital e no interior, aderiram à F. O. R. A. ou coadjuvaram, em seus respectivos esforços, o labor revolucionário da mesma.

Atualmente, além da sua campanha de esclarecimento dos problemas suscitados na Região Argentina pela demagogia peronista, foi iniciada pelas associações portuárias aderidas à F.O.R.A. uma campanha contra o franquismo.

Essa campanha que obedece aos mais caros sentimentos de liberdade e justiça e se entronca no protesto universal contra a barbárie falangista já se concretizou em fatos significativos. Referimo-nos à negativa, pelos obreiros portuários da Capital e do interior, de carregar e descarregar barcos espanhóis. Nossa campanha encontra, cada vez mais, eco na consciência dos trabalhadores da ribeira e seguem-nos outros sindicatos de outras especialidades indetificados com aqueles.

A perseguição oficial aos sindicatos portuários da F. O. R. A. registra tonalidades diversas, desde a perseguição nua e crua, como em Villa Constitución, onde a Sociedade de Resistência não pôde abrir sua sede, até o entorpecimento calculado e demagógico realizado por meio de sindicatos portuários criados pelos agentes do oficialismo.

Apesar de tudo isso, nossa campanha antifranquista aumenta de intensidade e extensão, e tende, graças aos esforços dos companheiros, a assumir caráter geral de bloqueio. Tais são nossas intenções.

Assistimos presentemente, ainda, a uma luta decisiva dos trabalhadores padeiros pela conquista do trabalho diurno.

Essa conquista, promovida há muitíssimos anos pela F. O. R. A., logrou, com o tempo e através de vicissitudes criadas pelas perseguições, triunfos em várias partes do país. Alguns desses triunfos se perderam justamente por causa dessas vicissitudes da luta. Hoje são novamente os sindicatos de padeiros aderidos à F. O. R. A. os que iniciaram essa greve que se pôde considerar decisiva para essa conquista, considerando o esforço e empenho dos obreiros. Já transcorreu quase um mês e o conflito inicial dos sindicatos *foristas*

prossegue com a mesma força dos primeiros dias. A influência do movimento se estendeu e, ao impulso do espírito de franca luta contra as patronais panatárias, sem nenhum intermediário estatal, muitos sindicatos de zonas amplíssimas desta província, sem vinculação atual com a F. O. R. A., aderiram a esse movimento.

Por entre o alvoroçante caudal de decretos do governo de Farrell e do seu sucessor, nosso movimento, com sua serenidade estudiosa dos problemas, assentou a conquista efetiva das seis horas de trabalho, conquista que também o nosso movimento foi, historicamente, o primeiro a assinalar à consciência dos trabalhadores desde os longínquos dias do ano de 1906. Sua propaganda interrompeu-se por múltiplos fatores; porém, agora, ante a tendência estatal de absorver o movimento obreiro com rajadas de decretos demagógicos, essa propaganda saiu a barrar essa tendência, intensificando, por meio do nosso portavoz, manifestos e conferências.

Resta-nos, por último, anunciar-vos a triste situação de cinco companheiros ladrilheiros condenados injustamente a prisão perpétua por essa justiça de classe que declarou associação ilícita os sindicatos mais combativos do movimento no período que vai de 1930 a 1935.

Desejariamos, acerca da situação desses companheiros, um dos quais enloqueceu, que tomásseis nota dos argumentos que, em defesa dos mesmos, publica nosso periódico *Organización Obrera*, n. 105 e seguintes que vos enviaremos.

À espera de vossas notícias e informes sobre o panorama social e sindical desse país, apaz-nos saudar-vos fraternalmente.

Buenos Aires, 30 de junho, de 1946.

## Ação Negativa do Bolchevismo

E' o que retrata Felipe Alaiz, um dos tipos mais brilhantes da intelectualidade da Espanha, na primeira parte — *Antecedentes* — do capítulo inicial da obra — *Hacia una Federación de Autonomías Ibéricas*. (F. A. I.).

E' Felipe Alaiz uma dessas criaturas que, pertencendo a família riquíssima, não se sente bem na abastança, quando milhares de semelhantes seus arrastam a vida na mais injusta das misérias. E' também uma concretização objetiva de puro idealismo, pois trocou haveres e bem-estar, pela luta ingrata em favor dos deserdados e oprimidos. E' um desmentido, claro e simples, àqueles que insistem em confundir idealistas com famintos, em confundir os que sacrificam o estômago ao ideal, com os que supõem ser o ideal, um vagido do estômago. As criaturas anatômica e fisiologicamente completas nutrem em si um ideal são; estão sempre na luta, e não se perturbam com as manifestações das almas negras de mil tiranos — calúnias, perseguições, cárceres, fuzilamentos, força! As que apenas se confundem com um tubo digestivo!... como lhes sabe bem um prato de lentilhas!... "Amavos uns aos outros" — não concebem coitadas; são como cães famintos, que se digladiam por um osso já roído, na cega ilusão de alimentarem-se.

Começa Felipe Alaiz por deixar ver que coincidiu com a revolução russa que diz obra de um partido e não de um povo, o aparecimento da Confederação Nacional do Trabalho de Espanha (C. N. T.), organização proletária de tendência anarquista, não partidária portanto, que provou, durante três anos de terrível guerra, poderem-se os trabalhadores dirigir sem um governo burguês, sem uma suposta ditadura do proletariado, como a que se encastela no Kremlin, em que

uma meia dúzia de traidores aos fins colimados, caluniadores e assassinos dos companheiros de ontem, falam ostensivamente em nome de um povo que escravizavam.

Mostra, em seguida, como os espanhóis se foram opondo à ditadura bolchevista, no que foram seguidos, fora da Espanha, entre outros, pelos argentinos da Federação Obreira Regional Argentina — F. O. R. A. (5º Congresso) e por Berneri, anarquista italiano, assassinado em 1937 pelos stalinistas, em plena luta contra o fascismo!

Fala da infiltração bolchevista na C. N. T., procurando perturbar a sua ação antipartidária, a qual, sendo ao mesmo tempo antiestatal, é a mais bela expressão da sua autonomia, para fazê-la orientar-se por Moscou que nada tem que ver, acrescentamos nós, com os interesses dos trabalhadores, uma vez que a ditadura que lá se exerce contra quem se exerce ela se lá é a pátria dos trabalhadores!

Essa infiltração prejudicial acaba de se patentear no meio dos trabalhadores da Light, que foram lançados a uma greve fadada ao fracasso, greve que, se não fôra orientada pelos líderes, enopianos, teria sido atribuída, por estes mesmos "gênios da revolução" a trozkistas, a "agitadores" ou a "companheiros que ainda não se adaptaram às novas condições de luta".

Só não viram os que querem atingir "algo de prático", o que a prática os veio obrigar a ver, porque deixaram de sondar o sentimento, em relação à greve, da maioria dos trabalhadores que não são do P. C. B., nem seus simpatizantes, e que não estavam, na sua quase totalidade, presentes no momento em que ela foi decidida, sob a tensão dos elementos partidários; só não viram porque não puderam avaliar a influência que o aparato bélico, que ia pelas diversas dependências do vasto domínio canadense, podia exercer no ânimo do trabalhador intimidado pelo peso dos anos de reação fascista, e dos seus reflexos na polícia daquele que algum dia pôde falar em nome do Direito; só não viram porque se esqueceram dos trabalhadores estrangeiros apalernados e acovardados ante a ameaça da vil, sordida, covarde e arbitrária arma da expulsão; sómente, porque desconhecem que muitos trabalhadores ainda crêem no sedutor canto de sereia, das resoluções por meio das leis trabalhistas, geradas no ventre podre das ditaduras; não viram, nem podiam ver e jamais verão, porque, exagerando a capacidade e prestígio do partido, se atiram a empresas que só valem para fortalecer mais a reação e aumentar no trabalhador a descrença, o desânimo e a indiferença.

Em pouco, os "tintureiros" caçavam funcionários, em casa ou na rua, apontados por chefes, coagiam-nos a trabalhar ou prendiam-nos, e o tráfego era logo restabelecido, sem que, em muitos lugares, o povo pudesse perceber que uma greve fôra declarada e, até, sem que muitos condutores e motoneiros tivessem tempo de deixar os respectivos carros, porque ali já estava a polícia!

Uma greve tem de ser sentida por cada um de uma grande maioria. Aos elementos sinceros, mais esclarecidos ou experientes,

## Notícias anárquicas

— Anuncia-se para este mês o aparecimento de *Gioventù Anarchica* na Itália, dedicado, como indica o nome, aos jovens italianos.

Os diretores pedem endereços de quantos jovens se interessarem por idéias libertárias ou liberais. Dirigir-se a Carlo Doglio, Via Rutília, 9, Milão.

— A Federação Anarcocomunista Búlgara fez uma declaração de princípios com os seguintes itens entre outros:

1. Aspiramos à liquidação da propriedade privada, do Estado, da Igreja e mais instituições fundadas na força e na violência.

2. Rechacamos todas as doutrinas e todos os movimentos políticos e econômicos que aspiram à conservação do Estado, da propriedade privada, da Igreja, da força e da violência como instituições da vida pública.

3. Aspiramos a um comunismo livre que substituirá a propriedade privada por meio de uma socialização total da terra, das fábricas e das minas, de todos os meios de produção e de todas as propriedades. O Estado será substituído por uma federação de comunas livres unidas em regiões e a Igreja, com a religião, por uma livre moral humana e uma concepção naturalista do mundo.

4. Repelimos o socialismo de

Estado porque leva ao capitalismo de Estado, monstruosa forma de exploração e tirania, negação total dos liberdades individuais e coletivas.

5. A nova organização pública, substituta do Estado, será construída e funcionará de baixo para cima; todos os habitantes de uma localidade formarão a comuna livre e todas as comunas livres se unirão por províncias e regiões, nacional e internacionalmente, para formarem uma série de uniões e federações e, finalmente, uma grande confederação internacional.

A Federação recomenda, como meio de luta, a ação direta.

— Numa informação dirigida pelo comp. Ugo Malizia, de Florença, ao Secretariado da A. I. T., diz-se que, derrotados os alemães, reiniciaram os partidos políticos suas atividades. Os comunistas desencadearam ampla propaganda no norte do país e influem muito nas massas industriais.

Os anarquistas, nesse ambiente, deixaram-se, em parte, contaminar, achando eles necessário certo trabalho político para conseguir resultados práticos em favor dos meios obreiros.

Após o congresso de Carrara que repeliu tenazmente essa tendência, os elementos descontentes do norte fundaram uma Federa-

(Continua na 4.ª pag.)

(Continua na pag 4)

## Espelho do Estado

(Continuação da 2.ª pag.)

Termina assim: «No dia em que um golpe patriótico, vibrado com decisão e sabedoria, exterminar os monopólios oficiais e extra oficiais, as classes pobres deste Brasil tão rico... e tão merecedor de melhor sorte, deixarão de parasitar, desfiadas, estendendo a mão como pedintes, no arroxado das quotas e no suplício das filhas».

De perfeitíssimo acordo, menos aquele patriótico. E se o golpe fosse desfechado pelas classes pobres? Se o *Correio* houvesse dito isso, teria falado como anarquista.

O golpe desfechado por outros da classe rica apenas faria passar os monopólios para outras mãos.

## Reforço para Ação Direta

COMPANHEIRO! Você leu AÇÃO DIRETA? Comprou-a sem dúvida, mas sabia que um exemplar de AÇÃO DIRETA, a 50 centavos, dá DEFICIT, porque nos custa 80. Com 40 por cento ao distribuidor, baixa o preço a 30 centavos. De modo que o DEFICIT, em cada exemplar, é de 50 centavos.

Se você deseja cooperar na manutenção de AÇÃO DIRETA, escreva-nos para Rua Buenos Aires, 147. A - 2º andar — Rio, marcando uma contribuição mensal. Nossas contribuições vão de 10 a 200 cruzeiros. A hora é de sacrifícios e o companheiro não deve poupar nenhum para manter e desenvolver nosso periódico.

A causa merece e o exige!

# “A INTERNACIONAL”

De pé, ó vítimas da fome!  
De pé, famélicos da Terra!  
Da Idéia a chama já consome  
a crosta bruta que a soterra.  
Cortai o mal, bem pelo fundo!  
De pé, de pé, não mais senhores!  
Se nada somos, em tal mundo,  
sejam todos, ó produtores!

## Côro

Bem unidos, façamos,  
nesta luta final,  
duma Terra sem amos  
a INTERNACIONAL—(bis)

Messias, Deus, chefes supremos,  
nada esperamos, de nenhum!  
Sejam nós que conquistemos  
a Terra-Mãe livre e comum!  
Para não ter protestos vãos,  
para sair deste antro estreito,  
façamos nós, por nossas mãos,  
tudo que a nós nos diz respeito!

Bem unidos, façamos, etc.

Crime de rico a lei o cobre,  
o Estado esmaga o oprimido:  
não há direitos para o pobre,  
ao rico tudo é permitido,  
A' opressão não mais sujeitos!  
Somos iguais todos os seres.  
Não mais deveres sem direitos,  
não mais direitos sem deveres!

Bem unidos, façamos, etc.



Abomináveis na grandeza,  
os reis da mina e da fornalha  
edificaram a riqueza  
sobre o suor de quem trabalha.  
Todo o produto de quem sua  
a corja rica recolheu.  
Querendo que ela restitua  
o povo quer só o que é seu.

Bem unidos, façamos, etc.

Fomos de fumo embriagados;  
Paz entre nós, guerra aos senhores!  
Façamos greve de soldados!  
Somos irmãos trabalhadores?  
Se a raça vil cheia de galas  
nos quer à força canibais,  
logo verá que as nossas balas  
são para os nossos generais.

Bem unidos, façamos, etc.

Somos o povo dos ativos,  
trabalhador, forte e fecundo.  
Pertence a terra aos produtivos!  
O' parasita, deixa o mundo!  
O parasita que te nutres  
do nosso sangue a gotejar,  
se nos faltarem os abutres,  
não deixa o Sol de fulgurar!

Bem unidos, façamos, etc.



## O livro dos trabalhadores e o imperialismo soviético

governam, isto é, que exploram os povos.

Tal como sucedeu com as imperialisções que a precederam, sucede agora com o soviético. Simplesmente foi substituída a bandeira. A da cristianização do mundo esfarelou-se com o tempo, e a Magna Carta e a dos Direitos do Homem, ou sejam da democracia burguesa são já papéis sedícios, desacreditados, que não podem ser utilizados como estandartes. A Rússia, melhor, a camarilha política que escraviza o povo russo, lançou então mão de outro chamariz: o socialismo, que empolgava e empolga os trabalhadores de todo o mundo, que nele viam o caminho que há de conduzi-los à Terra da Promissão. E' com a bandeira aliciante do socialismo, que os novos senhores feudais da Rússia pre-

tendem realizar o velho sonho de Gengis Khan e de Pedro, o Grande, da dominação do mundo... e arredores. Começou o novo Estado russo, dirigido pela ditadura bolchevista, por adotar como hino nacional a «Internacional», o hino que, em todo o mundo, convoca os explorados para a luta em prol do socialismo. Era evidentemente um conta-senso que um hino internacional servisse de lábaro a um Estado e a uma nação, que, como todo o Estado e toda nação, é forçosamente, pelo seu mecanismo e pelos seus objetivos particularistas, exclusivista. Os imperialistas russos não puderam, porém, manter, por muito tempo, o logro, o chamariz da «Internacional». Ao acentuarem-se as contradições dos seus interesses particulares com os interesses reais dos trabalhadores, a *Internacional* passou a revestir o aspecto de coisa perigosa, subversiva, na Rússia. Os operários russos, despojados de tudo, famintos e adrajados, como no resto do mundo capitalista, ao lado dos bem tratados, dos anafados e rochichundos burocratas do Partido Comunista (os autênticos ditadores e amos da U.R.S.S.), punham-se a cantar com acentuada intenção revolucionária, nas paradas e demais solenidades, em plenas bochechas dos novos senhores: «A pé, ó vítimas da fome, á pé, famélicos da Terra!» «Messias, Deus, chefes supremos, nada esperamos de nenhum! Sejam nós que conquistemos a Terra mãe livre e comum!» «Se a raça vil livre e cheia de galas nos quer à força canibais, logo verá que as nossas balas serão para os nossos generais!»

A coisa punha em risco o prestígio e o respeito devidos aos «chefes supremos», ou seja aos generais e também aos chefetes, que prometem a felicidade do povo em troca da mais pesada das albardas. Despiendo é que os novos amos da Rússia começaram, a certa altura, a compreender as intenções com que a «massa» (como eles designam pejorativamente os trabalhadores) entoava a «Internacional», e ajunaram com a brincadeira. Resolveram então substituir o hino revolucionário dos escravos do capitalismo mundial (no qual está compreendido o da U.R.S.S.) por um hino patriótico, que hoje (ainda bem, para que não perdesse a blasfêmia!) executam, e proibir (como proibi-

ram o movimento esperantista em tudo quanto cheira a internacionalismo e pôde prejudicar as intenções bélicas, imperialistas do novo czar), como coisa subversiva. Cans assim mais um pedaço da máscara asob que as tiranos russos oculta os olhos dos trabalhadores de todo o mundo os seus designios ecretos.

Aqui, no Rio, uma célula do Partido Comunista, constituída certamente por alguns ingênuos e sinceros idealistas, que andam enganados com os seus «chefes», resolveu editar, há dias, uma «plaquette» com a letra da «Internacional». Como, porém, tudo quanto é editado pelo mesmo partido ou seus apêndices está sujeito à chamada «disciplina partidária», que é equivalente à da Mônica Secreta da Companhia de Jesus a comissão central do partido só autorizou a impressão da letra da «Internacional» depois de amputar-lhe as estrofes 2.ª e 5.ª, considerando justamente subversivas pelo partido partido totalitário vermelho, e de introduzir-lhe algumas emendas e interpelações em outras. Na Idade Média, a Igreja Católica, por intermédio dos seus frades mais familiarizados com a cultura clássica, fizeram coisas semelhantes nos textos bíblicos. O partido comunista, o mais legítimo discípulo e continuador da Igreja Católica, não podia proceder de outra forma...

Em face da atitude deshonesta, ainda que coerente, do partido comunista, e para que o aprendam e cantem as gerações novas, educadas no culto da força bruta e na ignorância das idéias emancipadoras, pelos movimentos totalitários (entre os quais o estalinista), que têm dominado o mundo nos últimos anos, decimos publicar hoje, na íntegra e restaurado na sua primitiva letra, o hino, dos trabalhadores, cuja música um ferreiro francês, Pierre Dégèter, compôs, e cujos versos um operário alemão, E. Pottier, escreveu, para que fosse entoado como canto de reivindicação e esperança pelos proletários de todo o mundo, e não pelas emissoras e orquestras do império mais escravizador que hoje existe em toda a Terra. Ao fazê-lo, evocamos a memória do autor da magnífica tradução portuguesa da letra da «Internacional», o nosso saudoso camarada Neno Vasco, anarquista cuja existência, embora curta, fio

fecundíssima, pelas obras que publicou e pela ação que realizou em prol da emancipação humana.

RAFAEL MALAGUERRA

*Nota da Redação* — Temos para venda a *Internacional* numa artística edição em excelente papel, com música para piano e letra em português e Esperanto, editada pelo SAT — Rondo Esperantista do Rio de Janeiro, que, como noutro lugar explicamos, nos enviou 25 exemplares para serem vendidos, a razão de 5,00 cada, a favor «Ação Direta». Os interessados devem apressar-se a fazer os seus pedidos, que devem vir acompanhados da respectiva importância.

## Notícias anárquicas

(Continuação da 3.ª pag.)

ção *Libertaria Italiana* que nada de comum tem com a legítima *Federação Anárquica Italiana*. Entram nessa federação dita *libertária*, os ex-anarquistas dissidentes, ínfima minoria, elementos comunistas decepcionados com Moscou e a *Unione Spárta* que publica *L'Internazionale* dirigida por Andreoni.

Para arrastar essa dissidência, a F. A. I. reuniu em 17 e 18 de março, delegados de todas as regionais. Os princípios de Carrara foram reafirmados e repelidos os partidários da ação política.

## Apelo

Temos de aumentar nossa tiragem; mas, como já dissemos outro dia, a venda avulsa dá enorme *deficit*. Só um meio há de arcarmos com as despesas de maior tiragem. É estender-se a lista dos contribuintes e dobrar cada qual sua contribuição. Nosso periódico não é comercial, não aceita anúncios; não é político, nem publica, a tanto por linha, notícias ou reclamos; em suma, não temos matéria paga.

Logo, apelamos para os entusiastas de *Ação Direta*. Procurem novos contribuintes. Dobrem ou tripliquem suas contribuições.

Atrás das palmas, a *ação direta*, ainda com sacrifícios,

## Ação Negativa do Bolchevismo

(Continuação da 4.ª pag.)

competem, apenas, aconselhar, animar e guiar a massa grevista.

Voltando a Felipe Alaiz, vamos ver que, já agora, se ri da paradoxal influência bolchevista querendo criar na Espanha de amanhã esse fardo tão pesado aos povos, que são as forças armadas permanentes de que estão livres os países democraticamente mais avançados, como a Suécia, a Dinamarca, a Suíça, o Uruguai, esse fardo de quem Alexandre Herculano dizia no «país mais atrasado da Europa», que nascido com o absolutismo e só para ele, com ele devia ter passado para o mundo das tradições. E esse paradoxo mais se agiganta, porque, qual novo Kaiser, rasga salcástico o farrapo da Carta do Atlântico, que condena na sua cláusula terceira, o estabelecimento de forças armadas permanentes em todos os países. E Alaiz comenta: Para que um exército profissional especializado como o da Alemanha, se não pôde resistir á exércitos improvisados como o dos Estados Unidos, se ficou tonto com os guerrilheiros de Tito e desesperado com os «maquis» franceses? Para que um exército com engenharia guerreira profissional permanente, se a engenharia civil o levou de vencida? Para que um exército assim na Espanha, se ela não tem recursos para sustentá-lo.

E o que diz em relação ao seu país o grande escritor espanhol, toca-nos a nós também. Para que servir o exército permanente, se setenta por cento dos oficiais da F. E. B. foram civis do C. P. O. R.? Para que, se os que partiram foram arrancados às casas comerciais, escritórios, companhias, oficinas, fabricas e escolas? E que mais fizeram, no Paraguai, os 17 mil soldados do exército, que os voluntários em muito maior número?

O exército permanente tornou-se um mito, diz Alaiz: E acrescenta: — As guerras são ganhas por organizações industriais potentes. O melhor é tratar-se delas vinculando-as à construção civil. A oficialidade, prossegue, pode demonstrar sua aptidão, de que ninguém duvida, na vida civil. Os engenheiros, nas obras públicas; os artilheiros, nas indústrias siderúrgicas e outros infantes e cavaleiros, nos serviços de cadastro, no ensino de remonta civil, nos serviços técnicos de bancos, do comércio, etc. Os soldados, em vez de gastarem os melhores anos de vida no quartel, podem trabalhar nos campos, nas fábricas, oficinas, laboratórios, etc. de onde jamais deviam ter saído.

Os exércitos permanentes estão em descrédito. Não é problema democrático tratar de refazê-los

S. Pôrto